

# Uma “missão para civilizar”: a visão de educação popular do Sindicato de Mães Anglicanas e da Sociedade de Amigas das Moças (1886-1926)

Susan Anderson-Faithful\*

Tradução: Sandra Keppler\*\*

Bruno Bontempi Jr\*\*\*

## Resumo:

O Sindicato de Mães (1886) e a Sociedade de Amigas de Moças (1874) eram organizações oficiais da Igreja Anglicana da Inglaterra. Elas desenharam um ideal de feminilidade religiosamente informado e afirmaram a importância das mulheres como exemplos de cidadania cristã com a missão de melhorar a sociedade. Afirmaram a maternidade como um projeto educacional significativo. Este artigo identifica os três principais modos pelos quais esta missão educacional popular foi realizada: primeiro, pelo exemplo da mãe no lar; em segundo, pela educação informal inerente às práticas organizacionais e, em terceiro, pelas práticas educacionais explícitas. A despeito dos valores sociais conservadores, a ampla participação das organizações indica que sua missão de promover as mulheres como educadoras religiosas teve um grande apelo.

## Palavras-chave:

*Sindicato de Mães; Sociedade de Amigas de Moças; Igreja anglicana; educação; maternidade.*

---

\* Susan Anderson-Faithful é conferencista sênior na Faculdade de Educação, Saúde e Assistência Social da Universidade de Winchester, onde ministra aulas de história para estudantes de graduação e pós-graduação aspirantes ao magistério primário. Membro da Sociedade de História da Educação do Reino Unido, da Rede de História das Mulheres e do Centro de História da Educação das Mulheres da Universidade de Winchester.

\*\* Sandra Keppler é formada pela FFLCH/USP. Desde 1984 trabalha como tradutora e intérprete de várias línguas, tendo publicado uma série de trabalhos, como a versão para o espanhol de *Brasil*, coletânea de textos sobre o país escrita por pensadores brasileiros da modernidade. Também publicou, na Universidade de Washington, um livro de edótica, *25 anos de Hispamérica*. Atualmente, dedica-se a traduções/versões para revistas acadêmicas.

\*\*\* Bruno Bontempi Jr. é doutor em educação pela PUC-SP, com pós-doutorado no programa de história da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2009). Docente do Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação e orientador do programa de pós-graduação em educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Bolsista Produtividade em Pesquisa CNPq.

# A “mission to civilize”: the popular educational vision of the Anglican Mothers’ Union and Girls’ Friendly Society (1886-1926)

Susan Anderson-Faithful  
Translation: Sandra Keppler  
Bruno Bontempi Jr

## **Abstract**

The Mothers’ Union (1886) and the Girls Friendly Society (1874) were official Anglican Church of England organisations. They drew on a religiously informed ideal of womanhood, and asserted the significance of women as exemplars of Christian citizenship with a mission to improve society. They asserted mothering as a significant educational project. This article identifies three main ways in which this popular educational mission was accomplished: first, through the example of the mother in the home; second, through the informal education inherent in organisational practices; and third, through overt educational practices. Despite conservative social values, the extensive membership of the organisations is indicative that their mission to promote women as religious educators had widespread appeal.

## **Key words**

*Mothers’ Union, Girls Friendly Society, Anglican, education, motherhood.*

O Sindicato de Mães e a Sociedade de Amigas das Moças<sup>1</sup> (GFS – acrônimo inglês) foram organizações populares sancionadas pela Igreja Anglicana da Inglaterra. O objetivo do Sindicato de Mães era voltado para “a tarefa gloriosa de conquistar as nações como lares para Cristo!” (PORTER, 1926, p. 9), sendo suas práticas pensadas para promover e fortificar a fé religiosa dos seus membros e para, desse modo, equipá-las como educadoras da moral e modeladoras de cidadãos. Em 1926, o sindicato celebrou seu jubileu de ouro com a abertura da “Casa Mary Sumner”, em Westminster, e com um “Cortejo de Maternidade” no *London Albert Hall*<sup>2</sup>. Embora a organização diocesana oficial do Sindicato de Mães date de 1886, o aniversário comemorado nessas celebrações marca a origem dessa entidade como sendo de 1876, ano de introdução do distintivo “cartão de sugestões práticas” e de admissão de uma “pequena empresa de mães, ricas e pobres em uma sociedade paroquial chamada Sindicato de Mães” (MOTHER’S UNION, 1926, p. 6)<sup>3</sup>. Sumner, reverenciada “fundadora” do Sindicato de Mães, morreu em 1921, mas viveu para ver a organização que fundou se tornar uma substantiva associação transnacional, com 400.000 membros (THE TIMES, 1921). O Sindicato de Mães é, ainda hoje, uma organização transnacional de 100.000 membros<sup>4</sup>.

Do mesmo modo, a GFS tinha como objetivo educar e dar apoio a seus membros para que vivessem segundo valores religiosos. Precursora do Sindicato de Mães, a entidade cresceu a partir do trabalho preventivo com jovens que trabalhavam em comunidades paroquiais rurais: “permanece sendo, em 1925, como quando surgiu em 1875, uma sociedade de jovens cujo laço de união é a pureza e a oração”, afirmou sua fundadora, Townsend (HEATH-STUBBS, 1926, p. 4). A GFS utilizou-se do termo “objetivos” para descrever suas metas;

1. Neste artigo, a Sociedade de Amigas das Moças é referida por suas iniciais em inglês, GFS, como era de praxe nessa sociedade. De modo similar, o Sindicato de Mães é referido por extenso, conforme o costume da entidade.
2. Cordelia Moyes (2009) oferece extensos detalhes sobre o desenvolvimento e a constituição da sociedade como uma instituição oficial anglicana. Para o desenvolvimento da sociedade, de sua gênese paroquial à filiação mundial, ver a revista do Sindicato das Mães, *Fifty Years* (MOTHER’S UNION, 1926), e Porter (1926, p. 1).
3. Foi apenas em 1892 que o Sindicato de Mães tornou-se um corpo centralmente organizado.
4. Conforme <[www.themothersunion.org/province](http://www.themothersunion.org/province)>. Acesso em: 10 ago. 2010.

o primeiro, “unir-se para a ajuda mútua, religiosa e secular, para a compaixão e a oração”. O segundo objetivo educacional, “incentivar a pureza de vida, os deveres para com os pais, a fidelidade aos empregadores, a temperança e a parcimônia”, revela as finalidades do Sindicato de Mães, informados pelos mesmos valores religiosos e sociais atribuídos ao gênero feminino (HEATH-STUBBS, 1926, p. 5)<sup>5</sup>. A GFS baseou-se também em um ideal de feminilidade “pura”, religiosamente informado; assumiu a maternidade como o destino de seus membros e afirmou a importância das mulheres como exemplos morais de cidadania cristã. Suas práticas incluíam educação religiosa específica. Tentando ajudar as respeitáveis moças solteiras e as mulheres trabalhadoras a negociarem no mundo do trabalho, engajou-se também em projetos práticos. Isso foi explicado no terceiro objetivo da GFS, que afirmava o papel da sociedade de fornecer uma rede de contatos. Suas líderes eram provenientes das mesmas altas classes sociais e estratos clericais que o Sindicato de Mães. Em muitos casos, as mulheres participavam de ambas as organizações (idem; MONEY, 1905), que seguiam trajetórias similares de expansão nacional e transnacional. As duas instituições provaram ser organizações duráveis, com afiliação em massa. Embora tenha declinado agudamente depois da Segunda Guerra Mundial, a GFS continuou a existir como organização para moças e jovens mulheres, particularmente para aquelas em situações desfavoráveis<sup>6</sup>.

Este artigo sustenta que o Sindicato de Mães e a GFS reivindicavam uma visão compreensiva de maternidade moral como importante projeto educacional, do qual mulheres de todas as classes, vivendo sob valores religiosos, poderiam participar para o bem de suas famílias, de sua vizinhança, da nação e do Império. Também identifica três modos-chave segundo os quais essa educação popular foi realizada. O primeiro, mediante o exemplo da mãe no lar; o segundo, pela educação informal inerente às práticas organizacionais;

5 “É interessante notar que, quando Sumner iniciou o Sindicato das Mães em 1876, sua organização primeira e seus métodos seguiram as linhas da GFS” (HEATH-STUBBS, 1926, p. 5).

6 <[www.gfsplatform.org.uk](http://www.gfsplatform.org.uk)> é o *website* da organização em sua forma atual. Opera em quarenta paróquias. O arquivo da GFS pode ser acessado em *Womens Library* <[www.londonmet.ac.uk/womenslibrary](http://www.londonmet.ac.uk/womenslibrary)>. Brian Harrison (1973) relaciona a GFS ao Sindicato de Mães e sugere que elas tenham contribuído mutuamente para seu desenvolvimento.

e o terceiro, por meio das próprias práticas educacionais. Apesar da liderança da classe social alta e dos valores sociais conservadores, a extensa afiliação das duas organizações indica que suas missões, voltadas para a promoção dos valores familiares religiosos e para a afirmação da importância das mulheres como exemplos de moral e como educadoras dos futuros cidadãos, tiveram um grande apelo. Esse apelo encontrou eco em um período de mudanças nas circunstâncias de vida e de alargamento dos horizontes de possibilidade das mulheres, durante o qual as organizações se expandiram e se desenvolveram. Apesar dessas mudanças, depois de meio século, tanto o Sindicato de Mães como a GFS defendiam ainda os princípios iniciais de suas fundadoras e sua missão de melhorar o comportamento por meio da promoção de valores religiosos (HEATH-STUBBS, 1926; MOTHERS' UNION, 1926; MOYES, 2009).

Visando demonstrar os importantes projetos educacionais baseados em uma visão compreensiva de maternidade moral, este artigo relata a missão educacional do Sindicato de Mães e da GFS por seus valores religiosos e sua visão do feminino. Examina as formas pelas quais os seus objetivos inclusivos foram traduzidos em práticas educacionais para patronos e membros de uma classe estratificada. Destaca como o Sindicato de Mães e a GFS se relacionaram com um contexto social mais amplo e com a atividade filantrópica das mulheres, relativamente ao tema da missão educacional e das ideologias religiosamente informadas a respeito das mulheres, particularmente sobre a maternidade moral. Localiza a liderança do Sindicato de Mães e da GFS em sua classe e círculos clericais. São explorados o valor educacional e a importância da maternidade moral para moldar os cidadãos, bem como o envolvimento dessas sociedades no ultramar. O artigo conclui que a vasta e geograficamente diversa adesão às sociedades evidencia o sucesso da “missão” educacional popular da GFS e, em particular, do Sindicato de Mães com relação às reivindicações de inclusão social e aceitação de valores religiosos.

As fontes para o artigo foram extraídas das publicações das sociedades e de outros materiais contemporâneos, particularmente, os escritos de Mary Sumner. Muito desse material foi coletado no Arquivo do Sindicato de Mães, na Biblioteca Lambeth Palace. O material local para o Sindicato de Mães e para a GFS foi obtido no Arquivo Diocesano de Winchester e na imprensa, ambos no Hampshire Record Office. As publicações oficiais, incluindo *The History of the Girls' Friendly Society e Friendships Highway*, foram largamente

utilizadas, junto com *The Short History of the Mothers' Union e Fifty Years*. O artigo também se baseia em *Mary Sumner, Her Life and Work*, que por sua vez está baseado nos manuscritos de Sumner. A voz de Sumner está fortemente representada nas cartas e nos numerosos discursos que escreveu para o Sindicato de Mães. Essa fonte impressa foi produzida pelas sociedades e se encontra expressa na linguagem elevada típica do período, sendo que a metáfora da missão civilizadora é apenas um exemplo dela.

## A missão das mulheres e a missão educacional “civilizadora”

Os últimos anos do século XIX na Inglaterra mostraram o conspícuo desenvolvimento de organizações com foco religioso e educacional. A GFS e o Sindicato de Mães basearam-se fortemente nas tradições existentes, inspiradas na filantropia feminina, frequentemente de boa natureza<sup>7</sup>. No período em que se estabelecia a escolarização elementar universal estatal, a Igreja Anglicana alarmava-se com a perspectiva de uma secularização da educação<sup>8</sup>. Uma resposta a essa preocupação manifestou-se no grande número de mulheres que ensinavam nas escolas dominicais, patrocinadas pelas escolas das igrejas locais<sup>9</sup>, ou nos encontros organizados pelas mães paroquianas. Em uma época de entusiasmo religioso, a religião era frequentemente tida como medicina moral para aliviar as doenças sociais. Havia, claramente, problemas sociais graves a serem abordados. “Havia movimentos de melhora, quer sejam da moral filantrópica, religiosa ou educacional. Eles transbordaram em milhares de canais... todos tinham como objeto único *fazer o bem*” (COOMBS, 1965, p. 46, grifos da autora). A embriaguez era muitas vezes considerada como a causa da pobreza e da imoralidade, à

---

7 “Centenas e centenas de mulheres devotas estão trabalhando para o bem-estar de suas jovens irmãs, mas estão espalhadas e trabalham sozinhas” (MONEY, 1905, p. 5).

8 Mary Sumner (1894; 1910) descreve o dom da escola de Sumner.

9 Charlotte Yonge, do Sindicato de Mães e ativista das GFS é um exemplo. Elliot (em depoimento oral gravado, guardado no arquivo do do English County of Hampshire County) lembra-se de Charlotte Yonge “minha professora da escola dominical, [que] me apresentou à Rainha Vitória” (HAMPSHIRE RECORD OFFICE, AV 12/20/S1 registrado em 1970).

medida que retirava o autocontrole. As necessidades de bem-estar para causas meritórias eram também reconhecidas em entidades como a “Sociedade para Crianças Abandonadas e Perdidas”, da Igreja da Inglaterra, para órfãos<sup>10</sup>.

Ao mesmo tempo, o industrializado Império Britânico expandia-se pelo globo. Um poder conspícuo como aquele demandava explicação e justificação. Da mesma forma que a dominação de classe “em casa” fora legitimada pelo exercício do patronato e da filantropia, o governo colonial afirmava sua responsabilidade “civilizadora”, personificada pelo ícone maternal da Rainha Imperatriz Vitória (BUSH, 2000; PRATT, 1992, p. 171)<sup>11</sup>. A civilização e o cristianismo eram frequentemente fundidos, e a atividade missionária, imaginada em locais perigosos e exóticos, era tida como uma iniciativa valorosa. Uma oportunidade para as mulheres apreciarem suas respeitáveis e ainda louváveis carreiras leigas no campo missionário<sup>12</sup>. As histórias de vidas dedicadas à ação religiosa em locais perigosos e exóticos proveram um ideal inspirador da identidade feminina, que gerou bastante apoio filantrópico<sup>13</sup>.

A metáfora da missão foi, também, amplamente utilizada no contexto do debate sobre o papel apropriado às mulheres e sobre a sua vocação. Para as mulheres que não trabalhavam, a missão era frequentemente realizada por meio de atividades filantrópicas em “casa” (BRIAN, 1998). O alcance da filantropia das mulheres e a ubiquidade do termo missão para a década de 1890 faz parte da obra de Angela Burdett-Coutts (2002)<sup>14</sup>. Havia, claramente, na “mulher educada” um apetite por atividades significativas<sup>15</sup>. Isso foi realizado mediante aspirações por educação, tanto para si mesmas como para os outros (DAVIES, 1988). O que a ativista da GFS e amiga de Sumner, Laura Ridding (1876)<sup>16</sup>

---

10 Harrison (1973) aponta a cooperação dessa sociedade com a GFS.

11 “A Rainha Vitória ascendeu ao trono da Inglaterra pronta para codificar o que seria a Questão Imperial das mulheres europeias por excelência, a Missão Civilizadora” (PRATT, 1992, p. 171).

12 “A Solteirona Aventureira, [...] fugindo dos limites de seu tempo e retornando às vezes para escrever sobre ele” (PRATT, 1992, p. 171).

13 Como exemplo, ver Jane Haggis (1998) e Tanya Fitzgerald (2003).

14 Sumner contribuiu nessa obra com “The Responsibilities of Mothers”.

15 Laura Ridding (1887) usa a expressão “a mulher educada” com um sentido de classe.

16 Filha de Roundell Palmer, Primeiro Conde de Selborne, e Laura Waldegrave. Casou-se em 1876 com Dr. George Ridding, diretor do Winchester College e, mais tarde,

refere como “boa ação apregoada” foi uma conveniente e de fato esperada saída “para as jovens mulheres pensativas e ansiosas... ansiosas por trabalhar para Deus e seus semelhantes”<sup>17</sup>.

O trabalho de resgate das mulheres decaídas oferecia um contato dos mais invulgares, mas este nem sempre foi acessível às esposas e às filhas obedientes. A resgatadora mais notável foi Josephine Butler, famosa por sua cruzada contra os Atos de Doenças Contagiosas, sua oposição internacional à prostituição, e por ser um modelo de feminilidade espiritual<sup>18</sup>. A ideia de trabalho “preventivo” popularizou-se com Jane Ellice Hopkins, a militante influente “puritana” e autora de *The Present Moral Crisis*, que ofereceu um caminho mais acessível às aspirantes da filantropia. A demanda por uma influência civilizadora e o impulso de fazer o bem poderiam ser identificados e percebidos em lugares mais acessíveis para a maioria das mulheres e filhas anglicanas em paróquias e casas de campo.

No contexto da missão da mulher e da missão “civilizadora” da educação, a GFS e o Sindicato de Mães são significativos por serem, respectivamente, a primeira e a segunda organizações anglicanas oficialmente sancionadas, administradas por mulheres e para mulheres e “baseadas na Igreja nacional” (MONEY, 1905, p. 4-6). Elas foram, também, distintas por enfatizar a oração e a promoção do comportamento universal religiosamente inspirado, pensado como aplicável às mulheres de todas as classes na Inglaterra, bem como às mulheres de ultramar. Ainda, como a seção seguinte demonstra, as hierarquias sociais permanecem sendo elementos importantes nas ações do Sindicato de Mães e da GFS.

---

Bispo de Southwell. Apoiadora da GFS, sufragista, ativista da União Nacional das Mulheres Trabalhadoras; amiga dos Summers, de Joyce Ellen e Louise Creighton; prolífica diarista e panfletária.

- 17 Money (1905, p. 7) revela certa impaciência com o tratamento das mulheres, e continua: “mas o serviço delas tem sido muitas vezes ofuscado e deficiente pela falta de formação durante os melhores anos de suas vidas”.
- 18 O Ato de Doenças Contagiosas permitiu a detenção médica forçada de supostas prostitutas. Para a “feminilidade espiritual” ver: JORDAN, Jane. *Josephine Butler*. London: John Murray, 2001; DAGGERS, Jenny; NEALE, Dianna (Eds.). *Sex, Gender and Religion. Josephine Butler Revisited*. New York: Peter Lang, 2006. Butler foi, além disso, vizinha de Mary Sumner, construindo também “Casas de Repouso” na localidade.

## Conexões nos altos postos: realeza, clero e classes

Os objetivos, a estrutura, a organização, as práticas e a propagação do Sindicato de Mães e da GFS condicionavam-se ao lugar social das mulheres que as iniciaram. As líderes das duas sociedades estavam ligadas aos clérigos de alto *status* da Igreja Anglicana nacional, frequentemente por casamento. Eram, também, geograficamente localizadas no coração da diocese, na Catedral de Winchester, em um círculo episcopal de classe alta. Por seu casamento com George, sobrinho do Arcebispo John Sumner e filho de Charles Sumner, Bispo de Winchester, Sumner não somente exemplifica as conexões clericais das líderes do Sindicato de Mães e da GFS, mas também a tendência de essas mulheres pertencerem às duas organizações. Demonstra, além disso, a tendência de mães e filhas se envolverem<sup>19</sup>. Embora Townsend, da GFS, não fosse casada com um clérigo, era íntima dos círculos episcopais que contribuíram na gênese da organização. O encontro inaugural da GFS, em 1874, teve o suporte das mulheres do Arcebispo de Canterbury e do Bispo de Winchester, assim como de Fosberry, capelão do ex-bispo de Winchester, Samuel Wilberforce (MONEY, 1905, p. 7). O Sindicato de Mães foi, igualmente, promovido por ligações com homens da igreja de alto *status*; “apreciavam a cordial sanção episcopal”, além de explorarem a estrutura diocesana<sup>20</sup>.

A GFS e o Sindicato de Mães asseguraram o Patronato Real da Rainha Vitória. A Rainha Alexandra e a Rainha Mary, as consortes de Edward VII e George V, respectivamente, continuaram essa tradição. As duas sociedades

---

19 Barrington [Gore] Browne, filha de Mary Sumner e nora de Harolde Browne, era ativa na GFS e sua filha, Gore Browne, manteve a tradição familiar, tornando-se presidente do Conselho Diocesano da GFS de Winchester, em 1911. Além de Sumner como vice-presidente, em 1885 os membros do Conselho Diocesano eram a Sra. Harold Browne, esposa do Bispo de Winchester; Selborne, esposa pró-sufragista do liberal local Roundell Palmer (Lorde Selborne) e mãe de Laura Ridding; Yonge, a estimada novelista, também estava presente.

20 “Naquela mesma noite, em um recolhimento social, quando agradecia a meu marido por deixá-la falar, Sumner falou-nos muito séria de seu grande desejo de unir as mães em uma união de oração e associação cristã [...] no dia seguinte, algumas de nós, a Sra. Harold Browne (esposa do bispo de Winchester) estando presentes, e com a aprovação cordial do bispo de Winchester, o Sindicato de Mães foi chamado à vida como uma organização diocesana” (PORTER, 1926, p. 23-24).

marcaram as ocasiões solenes da família real com presentes e mensagens de congratulações ou condolências<sup>21</sup>. A marca pública dos eventos familiares também se estendeu às mulheres proeminentes na sociedade, como ilustram os arranjos para as celebrações das bodas de ouro de Sumner<sup>22</sup>. O Patronato Real deu autoridade às organizações por meio da defesa de sua identidade nacional e imperial, afirmando o tema unificado da família atravessando as fronteiras de classe<sup>23</sup>. O envolvimento real era mais do que um símbolo. A Princesa Beatrice, a filha mais nova da Rainha Vitória, foi *patronesse* das filiais da GFS e do Sindicato de Mães, e sua irmã mais velha, a Princesa Christian (de Schleswig-Holstein, 1846-1923), foi *patronesse* do Sindicato de Mães da Diocese de Londres e manteve calorosa correspondência com Sumner. Compartilhava o ponto de vista de que as líderes da sociedade deveriam estabelecer um padrão moral e que a publicidade sensacionalista prejudicava “o bem que nossa classe leva às massas, ao beneficiar todos os tipos de tolices e maus modos, que lhes são realçados em cores muito cruas” (BIBLIOTECA LAMBETH PALACE. MOTHERS’ UNION/CO/Pres/0005-03).

A visão da sociedade defendida por Sumner, Townsend e outras membros-líderes do Sindicato de Mães a aceitava como sendo estratificada nas classes alta, média e baixa. A localização rural das organizações, especialmente em seus estágios iniciais, indicava que as senhoras do Sindicato de Mães e da GFS estavam mais familiarizadas com uma sociedade de duas classes. A autoridade do *status* das classes não era questionada, mas havia uma visão de que o privilégio envolvia obrigações e responsabilidades. Os encontros de Mary Sumner com as “Mães dos Chalés ” exemplificam

21 Ver, por exemplo, a correspondência de Mary Sumner, Arquivo do Sindicato de Mães da Biblioteca Lambeth Palace. MOTHERS’ UNION/Co/pres/005/04. Dec 13th, 1911.[manuscrito].

22 26 de julho de 1898. “De tarde, um grande encontro foi montado pelo Conselho Diocesano do Sindicato de Mães, no palácio de Wolvesey, no qual o Bispo e Sumner foram os convidados de honra. [Havia] a apresentação de várias deferências e outros testemunhos de profunda gratidão e afeição que os membros do Sindicato de Mães aprenderam a sentir por sua fundadora” (PORTER, 1926, p. 42-43).

23 O Sindicato de Mães manifestou ainda seu caráter nacional e imperial por seus ramos do exército, que foram determinantes para a disseminação da organização por todo o Império. Ver Moyes (2009, p. 41-47).

o exercício de liderança moral educativa assumida diante daquelas que estavam em sua esfera de influência.

De acordo com Laura Ridding:

A mãe deve ensinar a seus filhos e suas famílias [...]. A formação do caráter é seu trabalho. Além disso, o Lar é o Manancial da Vida Nacional, é visando ao melhor no lar que a mulher educada estará cumprindo seu destino [...]. Aqueles que não trabalham nem fiam devem inspirar pensamentos do céu e da santidade, pela pureza e fragrância de suas vidas.

Atividades práticas, tais como ser “tesoureira e ajudante” para pobres, eram “atividades que lhes devemos como mestres” (RIDDING, 1887). Essa responsabilidade “estende-se à fábrica”, onde idealmente “as jovens procuravam com um sorriso feliz de amizade, quando a esposa do dono atravessava as salas observando com um cuidado maternal cristão suas jovens vidas, como se elas fossem crianças entregues por Deus a seus cuidados” (RIDDING, 1884).

No Sindicato de Mães, “mães das classes altas” foram “chamadas a tomar seus lugares na vanguarda desse movimento. Se elas se juntarem e agirem como líderes, será mais fácil angariar mães de todos os tipos e condições para cuidarem de suas responsabilidades” (SUMNER, 1888). Sumner frequentemente lembrava às classes mais altas sobre sua responsabilidade moral e a necessidade de instruir um moderado bem viver. Havia também certa consciência das possíveis insensibilidades dos bons samaritanos. De acordo com Charlotte Yonge, importante ativista, estimada “mulher da igreja”, prolífica jornalista e escritora popular, que há muito servia à GFS e ao Sindicato de Mães,

A geração que começou, no princípio, a se dedicar aos pobres, dificilmente compreendeu todas as suas necessidades. Elas trabalharam na instrução religiosa [...] mas não perceberam quão pouco do que ensinavam poderia ser levado adiante sem uma melhora nos lares e nos hábitos (YONGE, 1887)<sup>24</sup>.

---

24 Charlotte Yonge *ilustra* o cenário de rede paroquial e adota o formato de perguntas de uma hesitante “Eleanor, [que] pedira para instalar uma [filial do Sindicato de

As filiais da GFS e do Sindicato de Mães eram convocadas pelas associadas da classe alta, que “podiam ser casadas ou solteiras, como obreiras da igreja, e as que tivessem interesse na formação de crianças” e patrocinavam os “membros” menos favorecidos socialmente<sup>25</sup>. Tanto a GFS quanto o Sindicato de Mães exigiam que as “associadas fossem da Igreja da Inglaterra” (nenhuma restrição era feita aos membros) e que “a organização da Sociedade seguisse tanto quanto possível a da Igreja, sendo diocesana... e paroquial” (MONEY, 1905, p. 7). As duas sociedades afirmavam a inclusão. “O dever e a responsabilidade de uma mãe [da classe alta] com seu filho é, em princípio, idêntico ao da [classe] mais baixa”. De um modo similar, a GFS era “tencionada para abraçar... não apenas uma classe, mas quaisquer uma dessas donzelas de nossa terra, que estão bravamente saindo para ganhar a vida em diferentes postos de trabalho honrado” (GFS, 1885, p. 40; SUMNER, 1895, p. 3-4).

## **Ideais religiosos/ ideologias das mulheres, a doutrina anglicana de subordinação e a maternidade moral como educação popular**

A visão de feminilidade defendida pelo Sindicato de Mães e pela GFS foi traçada não só sobre os padrões existentes de prática social, mas também justificada com referência a uma ideologia religiosamente informada sobre a diferença entre os sexos. A doutrina anglicana de subordinação, fortemente influenciada pela interpretação de São Paulo (“Mulheres, submetei-vos a vossos maridos, como ao Senhor”, Efésios, capítulo V, versículo 22), legitimou a organização do poder de gênero na sociedade. Charlotte Yonge afirmou: “Não hesito em declarar minha total crença na inferioridade da mulher, e nem de que isso venha dela própria”<sup>26</sup>.

---

Mães]” e fornece uma vinheta (“pequeno ensaio descritivo”), de atitudes em relação a “nosso povo” (N. dos T.).

- 25 Para a discussão sobre a apropriação da maternidade como exercício de dominação das classes, ver YEO, Eileen Janes (Ed.). *Some Constructions of Social Motherhood. Mary Wollstonecraft 200 years of Feminisms*. London and New York: Rivers Oram Press, 1997.
- 26 Yonge era a pupila e vizinha de John Keble, o muito estimado e influente Alto Anglicano. Refere-se aqui a Eva, a transgressora.

Sumner, que constantemente defendia a Bíblia como autoridade máxima, via de um modo similar o papel das mulheres, “de serem sóbrias, amarem seus maridos, amarem seus filhos. Serem discretas, castas, defensoras do lar, boas, obedientes a seus próprios maridos, que não blasfemem contra a palavra de Deus” (Titus, capítulo II, versículos 3 a 5). Sumner e as outras mulheres da GFS e do Sindicato de Mães estavam de acordo com a visão prevalecente da Igreja Anglicana, de que as mulheres e os homens eram complementares. Nas palavras de John Ruskin, em *Sesame and Lilies* (1864, p. 107),

[...] o poder do homem é ativo... Ele é o executor... seu intelecto é para a especulação e a invenção; sua energia para a aventura... o poder da mulher é para a regra, não para a batalha –, e seu intelecto não é para a invenção ou criação, mas para a doce ordenança.

Isso, de acordo com Ruskin, equipou-a para o “lar”, o “farol no mar tempestuoso”. O lar seria uma aura “sempre em volta dela”, iluminando “onde quer que ela possa estar”. Nisso, Ruskin segue a noção da mulher como moralmente “sensível” e a tradição de autoridades como Hannah More sobre a necessidade de as mulheres serem, efetivamente, educadas para a vida doméstica moral<sup>27</sup>. A tensão entre a visão da mulher como Eva, potencialmente falível e corruptível, e a mulher pura (Maria maternal) de sensibilidade moral e estatura, dá conta da ênfase sobre as qualidades maternas das mulheres nas reivindicações pela autoridade feminina.

O Sindicato de Mães e a GFS entendiam a maternidade como o destino assumido das mulheres, e a feminilidade e a maternidade como categorias sobrepostas. A visão da maternidade proposta pelo Sindicato de Mães ia além do biológico, afirmando-a como um papel educacional. “O trabalho das mães frequentemente degrada as mulheres solteiras”, que eram acomodadas no

---

27 Influente nisto foi o trabalho do ativista antiescravidão, evangélico anglicano e parente de Sumner, William Wilberforce (1797), cujo *Practical view of the prevailing view of professed Christians, in the Higher and Middle Classes in this Country, Contrasted with Real Christianity* afirmava que a mulher era moralmente mais “sensível” do que o homem. Ver: STOTT, Anne. A singular injustice towards women: Hannah More, Evangelicalism and Female Education, In: MORGAN, Sue (Ed.). *Women, Religion and Feminism in Britain, 1750-1900*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2002.

Sindicato de Mães como associadas. As líderes da GFS eram justamente o exemplo de “mães morais”, como simbolizadas pela solteira Charlotte Yonge e sua vívida criação ficcional, Tia Jane, associada da GFS<sup>28</sup>. Sumner não oferecia nenhum desafio manifesto aos pressupostos da diferença de sexo. Ao contrário, considerava-se fortalecida pelo *status* religioso de seu gênero. Seus apontamentos sobre a condição das mulheres vistas em suas viagens condenavam a inutilidade das vidas proscritas das mulheres “de harém”, em contraste com o *status* respeitável dela própria. Essas observações foram utilizadas para afirmar o valor das metas e práticas do Sindicato de Mães (SUMNER, 1881, p. 265)<sup>29</sup>. As mulheres deveriam ser obedientes à autoridade patriarcal, e assim garantiriam para si o dom da influência:

O grande e misterioso dom da influência é garantido a todas as esposas e mães em medidas extraordinárias, ricas ou pobres, educadas ou não – todas elas são providas de força para influenciar maridos, filhos, amigos e vizinhos, e pedimos, então, para concentrarem essa influência, para unirem-se conosco e para usarem seus talentos para ajudar a formar a opinião pública, no lar e na sociedade. É um dom de longo alcance, em tudo penetrando, como a eletricidade (SUMNER, 1895, p. 139).

## **Objetivos organizacionais como educação popular: a maternidade moral e sua importância**

O Sindicato de Mães e a GFS, como foi apontado, articularam suas metas educacionais como “objetivos” que enfatizavam o caráter religioso das organizações. A missão dessas sociedades era promover a compreensão religiosa entre os membros e influenciar o seu comportamento. Havia, ainda, a visão de que os membros também tinham a missão de demonstrar e encorajar o comportamento moral. Os cartões atrativos de filiação, apresentados com a devida cerimônia após um período de preparação reflexiva, continham não apenas os

---

28 Charlotte Yonge (1885) apresenta a GFS. “Tia Jane” é uma associada da GFS.

29 Ver também o periódico *Mothers in Council*, out. 1894, p. 251. De acordo com o relatório da Diocese de Winchester, “o Bispo (George Sumner) fez um relato curto e vívido da situação das mães maometanas, conforme fora relatado a ele por Sumner que as visitou... e ele contrastou com a dignidade e a influência das mães inglesas”.

objetivos, mas as regras de conduta que os membros prometiam tentar seguir e defender (PORTER, 1926, p. 32)<sup>30</sup>. São inequívocos em afirmar o valor da castidade como essencial para o exercício da autoridade moral. Por conterem preces, os cartões também se destinavam a funcionar como uma incitação à reflexão espiritual: “Isso exige zelo individual, sábio esforço e devoção do coração e da vida a Jesus Cristo” (SUMNER, 1895, p. 139). A mulher ideal do Sindicato de Mães ou da GFS visava à sua própria melhora religiosa pelo estudo da Bíblia, pela oração e pelo esforço moral individual que incluía o exercício de influência civilizatória; “se não usarmos isso, nossa religião pessoal encolherá e secará”. Sofrimentos e atribuições na vida deveriam ser vistos como “educação” [*training*] (idem, p. 140). A Igreja era indicada como um descanso para os sofrimentos físicos e mentais do mundo:

Mães cansadas, mães sofredoras – fatigadas – mães amáveis – sim, e mães regozijantes e felizes, venham à Casa do Pai. Os sinos da Igreja chamam-na – O Senhor Jesus chama-a... O tempo quieto e repousante na igreja refrescará sua mente e seu corpo. Você trará seus problemas e deixará essa carga aos Seus pés (idem, p. 128).

A mãe moral deveria, acima de tudo, ser um exemplar de vida direita e autocontrole, ter um papel ativo civilizatório a ser cumprido dentro e fora de casa. Não somente a mãe deveria “ser quem gostaria que seus filhos fossem”, mas “cada mãe deveria tentar, se ela estiver realmente entusiasmada com o espírito de nossa cruzada, conquistar, se necessário, o marido, os filhos e amigos e persuadi-los a viver de acordo com nossas metas e objetivos”. O Sindicato de Mães era necessário “para reformar a moral e elevar o tom desse país por meio dos lares; lutar e conquistar a impureza, a intemperança e a ausência de religião pela influência dos pais” (idem, p. 139).

O terceiro objetivo do Sindicato de Mães era uma exortação: “organizar em cada lugar um grupo de mães que se unirá em oração e buscará, por seu próprio exemplo, conduzir suas famílias na pureza e santidade de vida”; e isso

---

30 O atrativo cartão do Sindicato de Mães, impresso em vermelho e preto, continha o texto da Escritura e dicas para pôr os objetivos em prática. Cópias poderiam ser obtidas por 1 *shilling* a dúzia, de Warren and Sons Winchester. Ver Sophia Wickham papers. Wickham of Binstead Collection. Hampshire Record Office, 38M4/E7/104. [manuscrito].

ecoou o segundo objetivo da GFS: “encorajar a pureza de vida, os deveres dos pais, a fidelidade com os empregados, a temperança e a parcimônia. A jovem que tivesse um caráter virtuoso seria admitida; se tal caráter fosse perdido, o Membro perderia seu cartão” (e sua filiação na sociedade). A GFS também defendia, em seu primeiro objetivo, a educação religiosa e a oração<sup>31</sup>.

O Sindicato de Mães estava de acordo com a insistência da GFS quanto à continência sexual de seus membros: “é desnecessário dizer que nenhuma mãe solteira podia ser Membro da Sociedade” (SUMNER, 1985, p. 4-7)<sup>32</sup>. Na GFS, essa defesa insistente da castidade não era inteiramente aceita:

Havia, em algumas mentes, fortes objeções à Regra Central Três como não cristã, como provavelmente fomentadora de um espírito farisaico entre seus membros. Essas objeções pareciam estar se extinguindo e parecia ser muito geralmente reconhecido que uma sociedade nacional em qualquer outra base não teria, no mínimo, o mesmo poder para o bem e não poderia criar aquela opinião pública, que é como uma salvaguarda para aquelas classes nas quais ela existe e cuja ausência em muitas comunidades da classe trabalhadora deixaria suas jovens tão expostas à tentação... Não me refiro a isso... visto que isso conduz a uma separação dos amigos e a obstáculos no trabalho (MONEY, 1905, p. 18-19)<sup>33</sup>.

A ênfase na defesa da castidade refletia a insistência de Sumner no significado do sacramento religioso do casamento. O Sindicato de Mães foi necessário porque: “a santidade do casamento está sendo minada e não levada a sério, com o aumento do número dos casos de divórcio e os ataques feitos ao casamento por certos escritores do momento” (SUMNER, [s.d.] a). Sumner afirmava ainda: “Sabemos quão seriamente o Ato do Divórcio de 1857 minou as fundações da vida familiar... Está causando a degradação dos pais, a difusão da miséria e ferimentos cruéis na instrução do caráter das crianças” (SUMNER, [s.d.] c). A

---

31 Os outros “objetivos” da GFS eram: 1) unir-se a uma sociedade; 2) [ter] mulheres e moças como associadas e membros para ajuda mútua (religiosa e secular), compaixão e oração; 3) prover os privilégios da Sociedade a seus membros, em qualquer lugar em que possam estar, apresentando-os de uma filial a outra.

32 A GFS também via o casamento e a maternidade como o destino esperado de seus membros.

33 A GFS reconsiderou sua posição sobre a virgindade em 1936. Ver [www.gfplatform.org.uk](http://www.gfplatform.org.uk). Acesso em: 09 fev. 2012.

GFS e o Sindicato de Mães permaneceram firmes e loquazes em sua oposição ao divórcio. Uma vez casado, o casal deveria fazer o melhor, “visto que nenhum dos dois pode se unir para a vida sem encontrar provações e dificuldades... há sempre a necessidade de tolerância mútua”, mas o ônus caía sobre a mulher. As esposas eram aconselhadas a conter o temperamento doentio dos maridos com “suavidade e uniformidade no temperamento” e ganhá-los pela gentileza (SUMNER, 1895, p. 19-22) com um enfoque defendido pela Regra 11 do Sindicato de Mães: “falar gentilmente”. A oração foi defendida como forma de os casais manterem seus votos de casamento em mente: “Há alguns casais felizes que iniciaram o hábito de orar juntos no dia do casamento e nunca pararam” (idem, p. 25).

Uma regra maternal chave era a salvaguarda da pureza dos jovens e a conquista de parceiros de casamento apropriados, visando à descendência. Um membro do Sindicato de Mães era orientado a “ajudar sua filha na escolha de um marido... é um dever da mãe evitar que sua filha fique noiva de um homem mau ou de alguém cujo caráter não seja elevado” (idem, p. 17). As perspectivas de casamento melhorariam se houvesse reputação ilibada. “Diga-lhe que ela é uma joia *de valor inestimável*, que uma vez perdida ou estragada não poderá nunca ser recuperada”<sup>34</sup>. Uma joia imperfeita não poderia se unir ao Sindicato de Mães ou à GFS.

O autocontrole era também necessário, a fim de evitar tentações tais como as oferecidas por más companhias ou pelos jogos de azar (COLERIDGE, 1907, p. 33). Um aspecto de vida pura consistia em evitar “falar mal”, como a blasfêmia, as mentiras ou a fofoca. “Piadas grosseiras” eram desencorajadas e o material de leitura pernicioso era, especialmente, condenado pela Regra Cinco do Sindicato de Mães: “Tenha cuidado para que seu filho não leia livros ruins ou relatórios de polícia” (SUMNER, 1895, p. 6)<sup>35</sup>.

---

34 Prevenção não significa evitar a discussão sobre a questão das relações sexuais. Para Sumner, era “um equívoco discutir a questão do sexo em público, quando clérigos e leigos estivessem presentes. Eu sinceramente concordo [com você] quanto a explicar às crianças a consagração do corpo e da alma – Santo Batismo e, depois, a autorreverência e, posteriormente, sobre a partilha dos fatos sagrados do nascimento de uma criança. Toda mãe é obrigada a fazê-lo – é dever da mãe e do pai, também [para com os filhos]”. (SUMNER, 1913).

35 Regra 5 do cartão dos membros do Sindicato de Mães. Os relatórios de polícia eram popularescos e sensacionalistas.

Beber era outra tentação a ser evitada. A regra três do cartão do Sindicato de Mães na versão para as “mães mais pobres” dizia: “Vocês são fortemente orientadas a nunca dar a seus filhos cerveja, vinho ou destilados, sem ordem do médico, ou enviá-los a bares” (SUMNER, 1985, p. 6)<sup>36</sup>. De acordo com Sumner (idem, p. 68-69), “A maldição nacional da Inglaterra é a bebida! Aqui está a pedra no caminho de sua prosperidade, moral, social e religiosa”<sup>37</sup>. As jovens eram especialmente vulneráveis à perda de autocontrole provocada pela bebida. “Pessoas más frequentemente dão bebidas ou destilados para as moças a fim de arruiná-las” (idem, p. 70).

A GFS estendeu o papel dos pais de guardiães contra as más influências evocadas pelo Sindicato de Mães. A prática de conseguir jovens para se unirem ao GFS como candidatas foi pensada para proteger sua moral, pela provisão de educação religiosa e eventos sociais maternalmente supervisionados pelas associadas. Candidatas bem sucedidas (que eram “puras”) poderiam, então, graduar-se como membros, e as associadas poderiam recomendá-las para a proteção de outras filiais quando se mudassem<sup>38</sup>. “Salas de clubes” e “Casas de Repouso” ofereciam aos membros mais velhos espaços sociais respeitáveis e atividades de lazer aprimoradas por uma ênfase educacional.

## **“A educação dos filhos é uma profissão”: maternidade moral como prática educacional**

O lema do Sindicato de Mães, “ensinar um filho para o caminho do qual ele não se desviará”, resume a premissa de que a mãe é a influência mais antiga e mais significativa sobre a criança, que precisa ser educada para ser

---

36 Esta fala para “as mães mais pobres” foi redigida “praticamente de acordo com a sua diferente situação de vida”. “Por exemplo, nenhuma mulher seria tentada a enviar seu filho ao bar”.

37 Sumner era uma entusiasta moderada. Ela foi presidente do Sindicato Juvenil de Winchester da Igreja da Sociedade de Temperança da Inglaterra, em 1886. Ver: *Hampshire Chronicle*, 18 jan. 1886.

38 Objetivo terceiro. (Uma associada era “a Princesa Christian of Schleswig-Holstein. Era a filha mais nova da Rainha Vitória e conhecida como “a filha caseira da Rainha”. Ela se dizia “trabalhadora associada” do ramo dos antigos Windsor, para enfatizar sua ativa participação na organização). *Hampshire Chronicle*, 18 jan. 1886.

“obediente, verdadeira e pura” [Regra um] (SUMNER, 1895, p. 6)<sup>39</sup>. “Deus dá a cada criancinha uma consciência – um instinto religioso e o desejo de amá-Lo e servi-Lo. Nosso dever é cultivar esse instinto divino e educar nossos filhos para a batalha da vida” (SUMNER, [s.d.] b).

Esse era um trabalho importante. O segundo “objetivo” do Sindicato de Mães, “despertar nas mães o senso de sua grande responsabilidade... na educação de seus filhos e filhas (os futuros pais e mães da Inglaterra)”, implica a importância da maternidade para a vida nacional (PORTER, 1926, p. 147). A fala da Condessa de Arlie (COUNTESS OF ARLIE, 1891, p. 11-14) no Sindicato de Mães é explícita:

Considere quais poderes foram dados às mulheres por Deus e quão maior é de quaisquer dos poderes que o homem poderia consentir-lhes. A moldagem da nova geração está principalmente nas mãos delas, se quiserem exercer sua influência. As personagens de estadistas e soldados e a inclinação de todas as grandes mentes do futuro reside, em parte, nelas. Elas lançam as bases do futuro pensado desde o berçário e a sala da escola, e formam a opinião daqueles que, por sua vez, exercem sua influência sobre seus sucessores.

Além da proteção contra as influências perigosas, a educação da criança deve ser adquirida pelo exemplo e disciplina consistente. A obediência era um importante alicerce para viver direito, e a bondade e a consistência eram consideradas por Sumner (1985, p. 30) não somente como virtudes femininas apropriadas, mas como medidas efetivas:

Lembre-se de que a obediência não é ensinada corretamente às crianças, espancando-as, batendo nelas, esbofeteando-as, usando palavras ásperas de raiva e maus-tratos, mas pela firmeza gentil e amorosa e autocontrole. Rarey, o grande domador de cavalos, nos disse saber que uma palavra de raiva aumenta a pulsação de um cavalo em dez batimentos por minuto. Pense, então, como ela deve afetar

---

39 Filhos eram o resultado esperado do casamento e o Sindicato de Mães era contrário à contracepção. O princípio acordado em 1919 foi: “Que para todas as pessoas normais casadas é um dever e uma honra aceitar o dom de Deus de uma família, acreditamos que uma limitação egoísta de filhos é errada e que todas as interrupções artificiais da concepção são contra a lei da natureza e de Deus” (WOODWARD, 1921, p. 147).

uma criança! Os maus-tratos de crianças por pais precipitados, intempestivos e apaixonados é terrível, e eles, muitas vezes, satisfazem sua consciência de que são severos só para o bem de seus filhos, quando, na verdade, eles estão apenas dando lugar a suas paixões raivosas. As crianças estão completamente à mercê daqueles que os cercam, são muitas vezes tímidas e extremamente sensíveis.

Nem Sumner aprova ameaças: “Quem pode dizer o que a miséria, o terror e a excitação nervosa de tal linguagem provocariam nas crianças?”. Sua recomendação era “falar carinhosa, gentil, mas decididamente” e “pensar antes de dar qualquer ordem e ter certeza de que seu filho *possa* obedecer a seu comando”; ela ainda aconselha: “nunca dê ordens desnecessárias ou mais de uma por vez, mas, quando a ordem é dada, cuide para que seja obedecida, mesmo que isso tome o dobro de seu tempo e dissabor” (SUMNER, 1895, p. 30-35). “É pela imitação, mais do que pelo preceito, que ensinamos qualquer coisa” (idem, p. 50). De fato, “a educação das crianças é uma profissão” (apud PORTER, 1926, p. 31).

Encorajar a bondade para com os animais era uma forma de fomentar os valores “puros” e a vida de acordo com os princípios religiosos. “Os jovens que são bondosos e piedosos com os animais provavelmente serão bondosos e não egoístas com suas esposas e filhos quando se tornarem homens” (idem, p. 50). Deveres, obrigações e comportamento honrado não eram salvaguarda exclusiva das mulheres. Sumner não somente insistia em que os homens tinham o dever de respeitar, amar e ser fiéis a suas esposas, como se afirmava nos votos de casamento, mas que eles tinham um papel ativo na paternidade. “O exemplo e a influência do pai são igualmente tão importantes”, assim como a parte das mulheres no papel civilizatório era encorajar essa participação, fazendo do “lar” uma alternativa atrativa para o bar (idem, p. 97). A família cristã que repetia as hierarquias paternas da Igreja e do Estado era considerada o baluarte de uma sociedade bem ordenada. “Todo homem no país que governa a si mesmo e a sua casa de acordo com a fé e a obediência a Cristo é uma torre de força para seu país” (idem, p. 161). Sumner (1926, p. 160) ilustra a sua visão de sociedade coesa referindo-se à fábula de Esopo, “O Corpo e Seus Membros”, que ecoa o comprometimento com a “fidelidade aos empregados”, contida no segundo objetivo da GFS:

A conexão de todas as classes da sociedade é requerida para dar suporte e bem-estar ao todo... De fato, a união de todas as classes é necessária para a manutenção da autoridade, o respeito pela lei pública e a estabilidade do governo, do qual a segurança da propriedade dos indivíduos e a continuidade da prosperidade nacional dependem tanto.

## **Práticas educacionais do Sindicato de Mães e da Sociedade de Amigas das Moças**

As práticas educacionais adotadas por Sumner e pelo Sindicato de Mães incluíam

[...] realizar reuniões periódicas que são dadas por várias senhoras sobre os objetivos do sindicato; geralmente, palestras são ministradas sob seus auspícios sobre questões de saúde e saneamento: as aulas são ministradas nas tardes de domingo para a instrução religiosa dos membros para que elas possam ser capazes de transmitir o ensino religioso a seus filhos. As mães de todas as classes devem ter instrução – a Bíblia, o ensino do credo, o catecismo – também em todas as ramificações dos mandamentos<sup>40</sup>.

Tanto a GFS quanto o Sindicato de Mães davam aos membros um cartão atrativo, que continha regras e objetivos. Atividades de bem-estar social e educacional eram enfatizadas. Esperava-se que as moças mais velhas das classes altas (futuras associadas) conduzissem as socialmente menos favorecidas nos estudos bíblicos, de alfabetização e de costura (YONGE, 1885, p. 159)<sup>41</sup>. As jovens da GFS atuavam, cantavam e participavam de competições. Também tomavam parte em danças folclóricas, torneios de tênis e, mais tarde, do bandeirantismo (HEATH-STUBBS, 1926, p. 26). Os aniversários eram celebrados com paradas e serviços religiosos. As necessidades dos membros mais velhos foram contempladas, não somente pela oferta de “hospedagens” ou

---

40 Carta de Sumner a Maude, sem data. Secretaria central das Cartas. Letters, Mothers' Union/ Co/Pres 005/03.

41 A filha mais velha, Gillian, tinha apenas uma aula.

salas de clubes, mas também por uma boa diversidade de departamentos que ofereciam treinamento industrial, ajuda para membros doentes, acomodação nos feriados e registros de empregos<sup>42</sup>.

A GFS e o Sindicato de Mães publicaram revistas instrutivas para as associadas e, separadamente, para os membros. As revistas eram um ponto de contato entre os membros pelos editoriais, pela correspondência e pela propaganda classificada, que revelava o interesse das líderes na religião e nos projetos de caridade. A revista *Friendly Leaves* da GFS incluía uma coluna de casamentos, que trazia há quanto tempo a noiva era membro, além do nome do clérigo que celebraria a cerimônia. As revistas também exemplificavam a maneira certa de melhorar o material de leitura e convidavam as leitoras a contribuir com cartas e ensaios, frequentemente sobre temas bíblicos ou morais. As senhoras associadas do Sindicato de Mães e da GFS eram, em geral, oradoras públicas e escritoras de panfletos que iam de questões da atualidade a “Dicas para Oradoras”. Charlotte Yonge foi chefe do departamento de Literatura da GFS e, além disso, editou *Mothers in Council*, do Sindicato de Mães, que partilhava material com as publicações da GFS (HEATH-STUBBS, 1926, p. 62)<sup>43</sup>.

Uma característica das duas sociedades eram os serviços comemorativos regulares da igreja, geralmente dignificados com um bom sermão de um clérigo de alto escalão. O Sindicato de Mães organizava conferências diocesanas e, mais tarde, nacionais. Festas de jardim (*garden parties*) e chás da tarde também eram oferecidos aos membros. A GFS organizava, também, encontros festivos das filiais, que incluíam palestras e distribuição de prêmios pela assiduidade. Várias mulheres associadas ao Sindicato de Mães e à GFS, como a especialista em emigrações, Joyce, Laura Ridding e sua amiga e companheira ativista no Sindicato Nacional de Trabalhadoras, Louise Creighton, foram prolíficas

42 Tal como Ethel Smith (HEATH-STUBBS, 1926, p. 46), Lucy Wright, primeira secretária da GFS, era, certamente, grata pela oportunidade que a sociedade lhe dera: “Amo a GFS”, declarou (MONEY, 1905, p. 41-42).

43 Ver Georgina Battiscombe, Charlotte Yonge; *The Story of an Uneventful Life*. London: Constable, 1944; Christabel Coleridge, *Charlotte Mary Yonge Her Life and Letters*. London: Macmillan, 1903. Coleridge foi editora da revista da GFS, *Friendly Leaves*, e sucedeu Charlotte Yonge na revista *The Monthly Packet*.

palestrantes públicas<sup>44</sup>. A própria Sumner aceitou trinta e cinco convites em todo o país entre janeiro e agosto de 1913, os quais incluíam reuniões, marcar encontros, participar do comitê organizador do hospital de Winchester para enfermeiras, ir a encontros de senhoras nos edifícios da Catedral, reuniões de palestrantes, comícios, comitê executivo, conferência no Prédio Sede da Igreja (*Church House*) e conferências centrais em York (COOMBS, 1965, p. 199).

## Missão no Ultramar

No Sindicato de Mães, a literatura religiosa identificava-se com patriotismo e imperialismo. “O lar inglês tinha de ser um ‘modelo’ para o mundo”, afirmava Sumner (1917). A GFS era também muito entusiástica em sua visão imperial. Sua fundadora, Townsend, referia-se à colonização como um “campo legítimo em Terras Distantes na ajuda à sustentação do trabalho da Igreja” (HEATH-STUBBS, 1926, p. 82). O panfleto de Laura Ridding, *The Call of the Empire* (1909), sugeria que “nosso dever especial como mulheres é sermos guardiãs do padrão moral do Império”. A sociedade abraçava tão completamente a visão imperial, que foi estabelecido um departamento destacado para a promoção da emigração de mulheres que, posteriormente, evoluiu para a Associação de Emigração das Mulheres Britânicas. “O trabalho missionário é feito por centenas em vez de unidades”, clamava sua fundadora, a Excelentíssima Sra. Joyce. Essas centenas deveriam ser mulheres “direitas”, treinadas nas práticas e moralmente educadas (idem, p. 75)<sup>45</sup>.

Conforme cresciam as organizações, tornou-se mais marcado o contraste entre o foco doméstico do Sindicato de Mães e os diversos interesses envolvidos na persecução dos objetivos dos membros da GFS, na esfera ampliada do trabalho. As duas sociedades, no entanto, expandiram-se no ultramar e estabeleceram filiais no exterior para promover seus objetivos religiosos civilizatórios.

---

44 O SNT era uma filiação de mulheres “trabalhadoras” filantrópicas. Tinha interesse em mulheres trabalhadoras, mas o Sindicato de Mães e a GFS lhes eram associadas. Ver: CREIGHTON, Louise; *Memoir of a Victorian Woman: Reflections of Louise Creighton 1850-1936*. COVERT, James Thane (Ed.). Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1994.

45 Joyce é autora de *Thirty Years Imperial Work* e editora de *The Imperial Colonist*.

Esses objetivos eram frequentemente associados a missões ou a guarnições do exército. A prática de trabalho com os contatos episcopais, conforme estabelecido na Inglaterra, estendeu-se no ultramar, sendo comum a cooperação entre o Sindicato de Mães, a GFS e as sociedades missionárias anglicanas<sup>46</sup>.

A GFS e o Sindicato de Mães encorajavam ativamente missionários no exterior por meio de financiamento aos trabalhadores no campo. As histórias das missões, destacadas nos jornais do Sindicato de Mães e da GFS e palestrantes, davam apoio às missões de caridades mediante arrecadação e venda do trabalho (FITZGERALD, 2003, p. 515-527; HAGGIS, 1998, p. 171-193; O'BRIEN, 2000, p. 35-53). Os contatos com os missionários foram mantidos e as sociedades cooperavam com outras organizações, tais como a Sociedade Missionária da Igreja e a Sociedade para a Promoção do Evangelho, com visitas de entretenimento do clero e de palestrantes das missões.

## **Missão cumprida? Sucesso e popularidade**

Em 1926, o Sindicato de Mães e a GFS poderiam ver atrás de si meio século de expansão e conquista. Ambas as organizações afirmavam de modo consistente o papel das mulheres que viviam inspiradas pela religião cristã como exemplos de moral. O Sindicato de Mães focou-se no papel da mãe como educadora religiosa de suas crianças e de seu esposo, mas a GFS promoveu também a ideia de maternidade moral como uma influência para o bem. Por meio de práticas educacionais formais e informais, as duas sociedades procuravam moldar as opiniões e as condutas de seus membros. A orientação dos cartões e as regras de conduta dos membros foram apoiadas por explícitas lições bíblicas e por meio de regulares encontros das filiais, com palestras e discussões sobre religião, moral e temas práticos<sup>47</sup>. A mensagem civilizadora das duas sociedades foi reforçada pelos discursos públicos, por sermões nos serviços religiosos comemorativos e por suas

---

46 Em Temple, Sumner e Chute (1907), Woodward (1921), Heath-Stubbs (1926), Money (1905), há numerosos exemplos da missão relacionada à atividade e cooperação entre as sociedades, incluindo a Igreja da Sociedade Zenana Inglesa, a Sociedade Missionária da Igreja e a Sociedade para a Propagação do Evangelho.

47 Por exemplo, “ENCONTRO DE MÃES – na quinta passada, Yonge entreteve cerca de 60 mães de crianças no chá, no salão da escola... uma deferência sincera

publicações, que congregavam as leitoras na discussão de tópicos sobre questões morais, mas que também visavam a proporcionar um sã entretenimento. De um foco inicial sobre a conduta doméstica das mulheres na esfera doméstica, os interesses das duas sociedades estenderam-se e desvelaram o papel e os interesses da mulher moral como exemplos de bem viver aplicados às questões da esfera pública (e legislativa). Relacionaram-se com organizações similares, particularmente aquelas associadas com missões no ultramar. Depois de cinquenta anos, as duas sociedades foram identificadas com a Família Real e reconhecidas como organizações imperiais influentes. Tiveram sedes nacionais que foram usadas para treinamento, administração e que exibiam características de redes de apoio, em seu *lobby* e no uso de palanques públicos (KECK; SIKKINK, 1998, p. 3). Visando defender os cidadãos religiosos, contribuíram com suas vozes em apoio à legislação sobre questões como o aumento da idade de consentimento<sup>48</sup> e a restrição sobre a venda de bebidas alcoólicas (WOODWARD, 1921, p. 125). A efetividade de suas práticas pode ser vista na adoção pelo governo da experiência da GFS em empregos, emigração e aspectos de assistência social às mulheres (HEATH-STUBBS, 1926, p. 37-39)<sup>49</sup>.

A promoção de educação religiosa oferece o melhor exemplo de uma causa mutuamente sustentada. O Sindicato de Mães urgia a seus membros que chamassem a atenção dos professores para as palavras grosseiras ou para o mau comportamento, especialmente nas escolas mistas, e a revista *Friendly Leaves*, da GFS, advertia a seus membros a necessidade de “cuidar para que as crianças da Igreja sejam ensinadas nos ensinamentos da Igreja” (GFS, 1907; SUMMER, 1895, p. 47)<sup>50</sup>. A Conferência de 1915, organizada com os “membros da Associação de Diretoras”, com a visada para a cooperação no ensino religioso das jovens, foi uma típica prática do Sindicato de Mães (WOODWARD, 1921, p. 135)<sup>51</sup>. A tentativa mais significativa para influenciar a opinião pública e as

---

da Pureza Social foi entregue por Sumner, esposa do Arqui-diácono de Winchester” (HAMPSHIRE CHRONICLE, 13 fev. 1886) [jornal].

48 Trata-se da idade em que, por lei, consentia-se a relação sexual (N. dos T.).

49 Note-se o efeito da guerra no trabalho para mulheres.

50 Temia-se que a legislação sobre a educação estadual enfraquecesse a instrução religiosa e, em particular, o ensino denominacional anglicano.

51 A Associação das Diretoras era um grupo influente fundado pela educadora pioneira das moças, Frances Mary Buss. Ela foi sucedida por Dorothea Beale; ambas tiveram

políticas governamentais foi a oposição à reforma do divórcio, que Cordelia Moyes (2009, p. 74-176) sugere ser indicativa do reconhecimento das anglicanas como mulheres interessadas em assuntos da vida pública. O Sindicato de Mães insistia em ser o representante das opiniões dos membros da classe trabalhadora.

Brian Harrison sugere que as realizações práticas da GFS, que continham as raízes das organizações, declinaram. Ele observa o decréscimo do apelo por uma organização enraizada no patronato, mais do que em princípios democráticos. Também sugere que o sucesso dos aspectos seculares da missão da GFS em promover a negociação segura dos espaços públicos havia contribuído para isso, mas tornaram-se irrelevantes pela extensão dos horizontes sociais de oportunidade das mulheres. O crescimento da intervenção estatal nos aspectos da filantropia e do bem-estar igualmente diminuíram a demanda pela sociedade (HARRISON, 1973).

Em 1926, a *Friendships Highway*, da GFS, e a *Fifty Years*, do Sindicato de Mães, poderiam expressar com otimismo suas aspirações para o futuro. Poderiam, também, orgulhar-se do apoio real e de seu sucesso em alguns aspectos da defesa da moral, tais como restringir a venda de bebidas alcoólicas e o aumento da idade de consentimento. Acima de tudo, poderiam afirmar a difusão de suas sociedades pelo Império como um mandato para que representassem a opinião de um significativo número de mulheres. Esse sucesso pode ser atribuído, em boa parte, à eficácia das redes de trabalho e aos amigos influentes das líderes das organizações, ainda que não possa ser negligenciado o apelo das organizações aos membros comuns.

Os membros do Sindicato de Mães e da GFS apreciavam a associação social afirmativa e o acesso ao espaço público respeitável. A GFS e o Sindicato de Mães incluíram seus membros em uma vocação religiosa, ou “missão”, endossada por mulheres de *status* social elevado, que afirmavam a importância do papel em que muitas mulheres poderiam buscar se encontrar. Em uma época de patriotismo ativo, o patronato Real podia ser visto como atrativo para os membros<sup>52</sup>. As

---

credenciais impecáveis como “mães morais”. [www.warwick.ac.uk/services/library/mrc/ead/188.htm](http://www.warwick.ac.uk/services/library/mrc/ead/188.htm), Acesso em: 20 ago. 2010.

52 Ver nota anterior e, para exemplos da correspondência real e de envolvimento, as seguintes coleções dos arquivos da Lambeth Palace Library: Mothers’ Union, Presidential Papers; Winchester Diocesan GFS Collection, Hampshire Record Office.

reivindicações por inclusão social certamente aumentaram com o sacrifício maternal universal representado pela Primeira Guerra Mundial, na qual as líderes do Sindicato de Mães estiveram fortemente representadas<sup>53</sup>.

Menos tangível, mas demandando consideração, foi a experiência religiosa dos membros das Sociedades<sup>54</sup>. A voz de Sumner refere-se consistentemente a sua religião pessoal vivida, afirmada como fonte fundamental de felicidade e sustentação espiritual. Outras Associações de Sindicato de Mães e GFS, tais como as de Laura Ridding, Ellen Joyce e Townsend também afirmavam a centralidade da religião para o bem viver. É menos evidente o quanto essa religião era sentida pelos outros membros, mas, como Gail Malmgreen (1986) adverte, seria pouco inteligente ignorar um fator significativo como esse no universo mental das mulheres.

O grande número de membros das duas organizações é indicativo de que os objetivos de promoção do casamento cristão e de afirmação do significado da missão das mulheres como educadoras de futuros cidadãos teve um amplo apelo. Muitas mulheres por todo o mundo responderam à reivindicação de Sumner, de que “você deve ser [uma mulher] de poderoso valor” (SUMNER, 1985, p. 139).

## Referências

BURDETT-COUTTS, A. (Ed.). *Woman's mission: a series of congress papers on the philanthropic work of women by eminent writers*. Warrington: Portrayer Publishers, 2002. Facsimilar edition. [Samson Low Marston, 1893].

BUSH, J. *Edwardian ladies and imperial power*. London: Cassel, Leicester University Press, 2000.

COLERIDGE, C. A serious danger. *Friendly leaves*, jan. 1907.

COOMBS, J. *George and Mary Sumner: their life and times*. London: Sumner Press, 1965.

COUNTESS OF AIRLIE. Influence over rights. *Mothers in council*, p. 11-14, jan. 1891.

---

53 As presidentes centrais, Wilberforces e Hubert Barclay, perderam seus filhos (WOODWARD, 1921, p. 158).

54 O'Brien (2000) explora as experiências dos membros do Sindicato de Mães como fonte de fortalecimento.

DAVIES, E. *The higher education of women*. London: Hambledon Press, 1988.

FITZGERALD, T. Cartographies of friendship: mapping missionary women’s educational networks in Aotearoa/New Zealand 1823-40. *History of education*, v. 32, n. 5, p. 513-527, 2003.

GIRL FRIENDLY. *Associates journal*, p. 40, fev. 1885.

\_\_\_\_\_. *Friendly leaves*, p. 33-62, jan. 1907. [magazine].

HAGGIS, J. “A heart that has felt the love of god and longs for others to know it”: conventions of gender, tensions of self and constructions of difference in offering to be a lady missionary. *Womens history review*, v. 7, n. 2, p. 171-193, 1998.

HAMPSHIRE CHRONICLE. 18 jan.-13 fev. [jornal].

HARRISON, B. For church, queen and family: the Girls’ Friendly Society 1874-1920. *Past and present*, v. 61, p. 107-138, 1973.

HEATH-STUBBS, M. *Friendships highway: being the history of the Girls’ Friendly Society, 1875-1925*. London: GFS, 1926.

HEENY, B. *The women’s movement in the church of England 1859-1930*. London: SPCK, 1998.

KECK, M; SIKKINK, K. *Advocacy networks in international politics activists beyond borders*. Cornell U.P.: Ithaca and London, 1998.

MALMGREEN, G. *Religion in the lives of English women*. London: Croom Helm, 1986.

MONEY, A. *The history of the girls friendly society*. London: Wells, Gardner, Darton, 1902; 1905.

MOTHER’S UNION. *Fifty years*. Westminster: Mothers’ Union, 1926.

MOYES, C. *A history of the Mothers’ Union Women Anglicanism and globalisation 1876-2008*. Woodbridge: Boydell Press, 2009.

O’BRIEN, A. Militant mothers: faith power and identity in the Mothers’ Union in Sydney 1896-1950. *Women’s history review*, v. 9, n. 1, p. 35-53, 2000.

PORTER, M. *Mary Sumner: her life and work*. Winchester: Warren and Sons, 1926.

PRATT, M. L. *Imperial eyes: studies in travel writing and transculturation*. London: Routledge, 1992.

RIDDING, L. *An account written by Laura E. Ridding of her married at life in Winchester*, 1876. [Hampshire Record Office, Selborne Papers, 9M68/73/36]. [manuscrito].

\_\_\_\_\_. *Home duties and relations of the educated woman. An address to the Wolverhampton Church Congress*, 1887. [Hampshire Record Office, Selborne Papers, 9M68]. [manuscrito].

\_\_\_\_\_. *The call of the empire*, 1909. [Hampshire Record Office, Selborne Papers, 9M68/73/14].

\_\_\_\_\_. *The guardianship of working girls*. Paper read to the Exeter Church Congress, 1884.

RUSKIN, J. Of queens' gardens. In: \_\_\_\_\_. *Sesame and lilies*. London: Allen, 1864. p. 123-196. Disponível em: <<http://www.books.google.co.uk/books>>. Acesso em: 20 jul. 2009.

SUMNER, G. *Our holiday in the East*. London: Hurst and Bracket, 1881.

SUMNER, M. *To mothers of the higher classes*. Winchester: Warren and Sons, 1888.

\_\_\_\_\_. Secular education. *Mothers in council*, out. 1894.

\_\_\_\_\_. *Home life, Winchester*: warren and sons. London: Wells Gardner Darton, 1895.

\_\_\_\_\_. *George Henry Sumner, D. D. bishop of Guildford*. Winchester: Warren and Son, 1910.

\_\_\_\_\_. *Letter to Lady Chichester central president of the Mothers' Union*. 7 jan. 1913. Lambeth Palace Library MOTHERS' UNION/CO/Pres/005/02.

\_\_\_\_\_. *Letter to Mrs Crawford re the Mothers' Union in South Australia*, 19 jun. 1917. Diocese of Winchester Mothers' Union Collection Hampshire Record Office, 145M85/A6.

\_\_\_\_\_. *What is the Mothers' Union*. London: Wells Gardner Darton, s.d. (a). [panfleto].

\_\_\_\_\_. *A mothers greatest duty*. London: Mothers' Union, s.d. (b). [panfleto].

\_\_\_\_\_. *The home*. Winchester: Warren and Sons. 9d a dozen 2/6 for fifty post free, s.d. (c). [panfleto].

TEMPLE, B. B.; SUMNER, M. E.; CHUTE, E. J. Women workers for India: letters to the editor. *The times*, 27 set. 1907.

THE TIMES. *Obituary*. 12 ago. 1921.

WILLBERFORCE, W. *Practical view of the prevailing view of professed christians, in the higher and middle classes in this country contrasted with real christianity*. Londres: Cadell and Davies, 1797.

WOODWARD, M. *A short history of the Mothers' Union*. Winchester: Warren and Son, 1921.

\_\_\_\_\_. *The two sides of the shield*. London: Macmillan, 1885.

YONGE, C. M. *Conversation on the Mothers' Union. Monthly packet of evening readings for younger members of the church of England*, London, 1 set. 1887.

\_\_\_\_\_. *Womankind*. 2. ed. London: Walter Smith and Innes, 1889.

Endereço para correspondência:

Susan Anderson-Faithful

E-mail: sue.fairful@winchester.ac.uk

Sandra Keppler

Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências

Humanas, Departamento de Letras Modernas.

Av. Prof. Luciano Gualberto, 403

Butantã

Sao Paulo – SP

CEP: 05508-900

Bruno Bontempi Jr.

Rua Harmonia, 445 – ap. 63

Sumarezinho

São Paulo – SP

CEP: 05435-000

E-mail: bontempi@usp.br

Recebido em: 13 set. 2010

Aprovado em: 17 nov. 2010